

Reflexões

Padre Nicolás Schwizer

Nº 173 – 01 de outubro de 2015

Família: comunidade de corações

Formar uma família, uma comunidade de corações não é tarefa fácil. Exige muita nobreza, dedicação, paciência e amor desinteressado da parte de cada um. Existem muitos obstáculos no caminho, principalmente por nossas limitações, nossa falta de autoeducação e maturidade pessoal.

É difícil para nós p.ex. querer a cada um, apesar da sua maneira de ser distinta, de suas excentricidades e loucuras que nos vão incomodando e cansando. Todas as famílias experimentam este ou outro tipo de dificuldades. E os mais jovens que não o viveram ainda, o viverão em seu momento.

Mas apesar de todos os problemas, há que seguir lutando, por uma profunda comunidade de corações. Porque sem isso, nossas famílias podem se transformar em pequenos infernos, nos quais reinam intrigas, invejas, ciúmes, vinganças.

E o que podemos fazer, para chegar a ser uma verdadeira comunidade de corações? Ou em outras palavras, como deve ser esse amor que nos une como vínculo na profundidade de nossas almas?

1. Qualidades de nosso amor. Para formar uma comunidade de corações, nosso amor deve ter três qualidades:

1.1. Deve ser um amor que protege o irmão. É um amor para sempre, que nunca deixa de protegê-lo. É como com um filho degenerado a quem toda a família rejeita; mas no coração de sua mãe sempre encontra um lar. É um amor que protege os demais, sem exceção.

Todos devem encontrar um lugar predileto em meu coração, em todas as situações, também em momentos de crise, de afastamento ou de queda.

1.2. Deve ser também um amor enaltecedor, nunca um amor que leve para baixo. E isso não é fácil, na nossa sociedade atual, com todos seus antivalores. Mas nosso amor deve derrubar e conduzir rumo às alturas, igual as chamas de um fogo que querem levar tudo para cima.

1.3. Nosso amor deve ser um amor que aguenta e suporta. Um amor tão profundo que nos quer conduzir a uma comunidade de corações, não pode existir sem sacrifícios e renúncias. Temos que aprender a nos suportar não apenas com amor, mas também com alegria. Temos que dar um sim pleno e total aos demais, quer dizer, aceitar e suportar também todos seus caprichos e desvarios.

2. Educação de nosso coração. Como devemos educá-lo na relação com os demais?

2.1. Hei de procurar ter um coração respeitoso. Um coração que tem um respeito e até veneração por cada pessoa. E esse respeito o mantenho inalterado frente a suas debilidades, limitações e fracassos. Na família que formamos, queremos chegar a ser um só coração e uma só alma, mas de maneira tal que ninguém perca sua originalidade, que cada um tenha liberdade de pensar e atuar.

2.2. Meu coração deve se tornar um coração sumamente bondoso. É uma bondade que não se importa com as limitações e debilidades alheias, que ignora as coisas ofensivas ou ferinas dos demais. E tudo isto como fruto de uma bondade profunda e desbordante do coração.

2.3. Meu coração deve sentir-se responsável pelos outros. Tenho que ser responsável por eles, por sua saúde, sua alegria de viver, sua maturidade afetiva, seu equilíbrio emocional, sua liberdade interior, sua independência frente a sociedade de consumo. Sou responsável pelo seu crescimento ascético e espiritual, sua aspiração aos ideais, seu cumprimento dos propósitos, sua fidelidade na luta pela santidade. Esta responsabilidade fraternal significa também falar com grande franqueza; fazer ver, com amor, seus erros e faltas; criticar, se é necessário, com humildade e sinceridade.

Perguntas para a reflexão

1. Tenho esse coração respeitoso que vê com profunda admiração cada familiar?
2. Posso essa riqueza interior de uma bondade sincera e benévola, que se olvida das experiências ruins e olha apenas suas coisas boas?
3. Tenho esse coração responsável pelos outros?

Se deseja subscrever, comentar o texto ou dar seu testemunho, escreva para: pn.reflexiones@gmail.com